

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NOTÍCIAS DA ACTIVIDADE CULTURAL. SONDAGEM ARQUEOLÓGICA NO CASTRO DE SABROSO, GUIMARÃES, 1981.

SOEIRO, Teresa, et al.

Ano: 1981 | Número: 91

Como citar este documento:

SOEIRO, Teresa, et al., Notícias da Actividade Cultural. Sondagem arqueológica no Castro de Sabroso, Guimarães, 1981. *Revista de Guimarães*, 91 Jan.-Dez. 1981, p. 341-350.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

SONDAGEM ARQUEOLÓGICA NO CASTRO DE SABROSO

(Guimarães) — 1981

por TERESA SOEIRO — RUI M. S. CENTENO
— ARMANDO COELHO F. DA SILVA

O Castro de Sabroso é uma conhecida estação arqueológica localizada no concelho de Guimarães, confluência de várias freguesias, em pleno Entre-Douro-e-Minho (Est. VIII, 1), explorada de há muito por Martins Sarmento (1) e depois entregue aos cuidados da Sociedade Martins Sarmento (2). Mais recentemente C. Hawkes (3) questionou a estratigrafia do local em ordem ao estabelecimento de uma diacronia que explicasse as sucessivas fases de construção, visíveis a qualquer observador, e diferenciasse os ricos materiais recolhidos por Sarmento (Est. I).

Ao programarmos a presente campanha, que, por impossibilidade de momento ficou reduzida a uma pequena sondagem, tínhamos objectivos semelhantes aos de Hawkes, pensando também na recuperação da esta-

(1) F. Martins Sarmento, Materiaes para a archeologia do Concelho de Guimarães, *Revista de Guimarães*, XXIII, Guimarães, 1906, p. 41-51; XXIV, 1907, p. 53-66 e 113-122; XXVI, 1909, p. 5-19 e 129-139.

(2) Mário Cardozo, Monumentos arqueológicos da Sociedade Martins Sarmento, *Revista de Guimarães*, LX, Guimarães, 1950, p. 428 e ss.

(3) Missão inglesa de escavações num castro do Norte de Portugal, *Revista de Guimarães*, LXVIII, Guimarães, 1958, p. 439-454; C. F. C. Hawkes, North-western castros: excavation, archaeology and history. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Coimbra, 1971, p. 283-287.

ção arqueológica que se encontrava em forte estado de degradação (1) e simultaneamente em publicar o espólio depositado no Museu da Sociedade relacionando-o com o que viesse a ser recolhido.

Na inviabilidade do cumprimento de tal projecto, os trabalhos foram limitados a uma vala de 12×4 m na vertente W, entre a primeira muralha, uma casa circular e dois muros divisórios (Est. I; II; VIII, 2), em área pertencente à freguesia de São Lourenço de Sande, segundo a informação que nos foi prestada por autoridades locais.

A vala de sondagem era composta por três quadradinhos de 4×4 m denominados E5, F5 e G5 (Est. II). Neste espaço tivemos de distinguir pequenas zonas cuja situação se diferenciava devido aos trabalhos anteriores e às próprias estruturas.

Assim, em G5 e parte de F5 encontrámos uma casa circular já escavada até ao nível do piso de saibro, que limpámos reconhecendo nele a lareira, em posição central, testemunhada pela cor vermelha do saibro calcinado (Est. IX, 1). A entrada da habitação (Est. II; IX, 2), virada a N, tem aproximadamente 1 m de largura e está marcada na parede por dois sulcos onde encaixariam as ombreiras de dimensões idênticas às de várias pedras decoradas em espinha e em cordão que se guardam no Museu Martins Sarmiento provenientes deste castro (2). A soleira conserva as suas pedras, visivelmente desgastadas pelo uso. Pelo exterior, a casa era rodeada por um piso de saibro claro que se estende a E e S pelo menos até ao muro divisório que serviu de limite à escavação e a W atinge a muralha, interrompido em parte pela escavação antiga que o ultrapassou. Entre a parede da casa e o muro, para E, vê-se uma grande lareira (Est. II), e o mesmo acontecia a W junto da muralha, tendo ambas funcionado certamente em simultâneo com a casa, a este nível, que na leitura estratigráfica é (02). O muro divisório, de aparelho irregular constituído indistinta-

(1) A par dos trabalhos de escavação, a Sociedade Martins Sarmiento promoveu uma operação de limpeza em parte da estação.

(2) Mário Cardozo, *Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso* Guimarães, 1971, 6.^a ed., p. 30.

mente por grandes blocos e pequenas pedras, assenta sobre o piso referido. Também a casa, que tem alicerces fundos feitos de grandes blocos, apresenta acima deste piso bom aparelho poligonal (Est. XI, 1) que arranca com pedras bem talhadas colocadas obliquamente. Este pano de parede apenas se conserva na parte voltada para o ângulo do muro, por ser um recanto estreito. Em E5 este nível de ocupação devia estar limitado pela muralha, hoje destruída, em que entestaria o muro divisório como indica a estratigrafia (Est. III; X, 1).

O espólio correspondente à ocupação sobre este piso (02) era abundante, se tivermos em conta que recolhemos apenas os restos escapados aos trabalhos anteriores, sendo, mesmo assim, bem mais de 50% dos fragmentos exumados em toda a vala. Encontravam-se incrustados nos pisos, no recanto S entre a casa e o muro, outrora mal limpo, e na pequena parte do (01) por nós escavado em E5, com material exclusivamente cerâmico e pedaços de piso destruídos, sendo de salientar uns de barro vermelho com circunferências estampadas de 16 mm de diâmetro, para os quais abundam paralelos (1) (Est. XII, 15).

Todos os vasos são feitos à roda, predominando as formas já bem conhecidas de outras estações, designadamente grandes talhas com fundos reforçados, vasos de asa interior, copas e púcaros de perfil em S de vários tamanhos. Recolheram-se também fragmentos com decorações incisas e estampadas e um cossoiro feito de um resto de vaso. Tecnicamente, e por comparação, este conjunto de aspecto homogéneo pertence a um castrejo evoluído (2), o mais divulgado pelos trabalhos de Briteiros, Sanfins, etc., Dentre os fragmentos recolhidos destacamos:

(1) Citamos, por exemplo, os aparecidos em Briteiros. Cfr. Rui M. S. Centeno e Armando Coelho F. da Silva, Corte estratigráfico na Citânia de Briteiros (Guimarães) 1977-1978, *Revista de Guimarães*, LXXXVIII, Guimarães, 1978, p. 423.

(2) Corresponde às fases C e D de Carlos Alberto Ferreira de Almeida, Cerâmica castreja, *Revista de Guimarães*, LXXXIV, Guimarães, 1974, p. 171 e ss. Muitos paralelos e outras referências para cerâmicas apresentadas neste relatório podem ser encontradas neste artigo que assim evitamos voltar a citar.

- (00) — bordo de grande talha feito à roda, pasta grosseira arenosa, castanha, superfícies pouco alisadas. Bordo oblíquo esvasado arqueado, com lábio boleado (Est. IV, 1);
- vaso de asa interior, feito à roda, parede interior bem alisada e exterior com fuligem. Parede oblíqua esvasada com lábio boleado (Est. IV, 2);
 - fundo de grande vaso, feito à roda, pasta castanha alisada no exterior. Fundo plano com aresta boleada e parede oblíqua que arranca fazendo um arqueamento (Est. IV, 3);
 - quatro asas interiores de secção circular;
 - pança de copa, feita à roda, com paredes finas mal alisadas, decorada por dois sulcos afastados seguidos de uma fila de SS na vertical.
- (01) — Bordo de grande talha, feito à roda, pasta arenosa micácea castanha alaranjada, parede exterior alisada. Ombros terminados interiormente em aresta, com bordo oblíquo esvasado levemente engrossado no extremo (Est. V, 1);
- vaso de asa interior, feito à roda, pasta arenosa castanha com cozedura razoável. Bordo interior alisado, exterior coberto de fuligem. Parede esvasada terminada por lábio cortado alargado (Est. V, 2);
 - púcaro de tamanho médio, feito à roda, superfícies alisadas, estando a externa coberta de fuligem. Colo vertical arqueado, bordo oblíquo esvasado com aresta interior e exterior, lábio boleado (Est. V, 3);
 - fundo de grande vaso, feito à roda, superfícies alisadas, fundo plano com arranque de paredes oblíquas formando um toro saliente de reforço (Est. V, 4);
 - fundo de vaso médio, feito à roda, pasta castanha clara alisada. Fundo plano com pare-

des oblíquas e um ligeiro ressalto de reforço (Est. V, 5);

- cossoiro feito a partir de fragmento de vaso de paredes grossas;
- vaso médio, feito à roda, parece de perfil em S, pasta acinzentada. Apresenta no alto dos ombros um toro aplicado, no qual se fizeram três zonas, a primeira e terceira de cordões com incisões fundas em sentido inverso, e a média lisa (Est. XII, 1);
- ombros de vaso médio com toro em que se fez um duplo cordão por incisões fundas de sentido inverso (Est. XII, 2);
- vaso médio feito à roda, paredes finas alisadas com decoração sobre os ombros de dois sulcos afastados precedidos de uma série talvez de SS encadeados muito cortados pela fractura (Est. XII, 3);
- pequeno fragmento decorado por dois sulcos afastados seguidos de uma faixa de depressões hemisféricas (Est. XII, 4);
- pequeno fragmento que devia ter decoração de triângulos incisos cheios por linhas paralelas a um dos lados. Vértices alternados e corredor liso (Est. XII, 5);
- vaso pequeno feito à roda, perfil em S, superfícies escuras polidas.

Registamos ainda o aparecimento de um fragmento de pança de ânfora de pasta relativamente fina com exterior avermelhado e interior cinzento claro, uma pedra de amolar e quatro seixos que estiveram ao lume.

Abaixo do piso (02), em E5/F5 deparámos com a presença de um nível de habitação testemunhado por uma lareira de barro junto do exterior da casa redonda e ainda pelas características da terra com abundantes cinzas e carvões e bem calcada sobretudo na base do estrato.

Para W, o estrato corresponde à face interna da muralha, bastante débil, e a todo o aglomerado de pedras

e terra até chegar à face externa que se conserva alta. Tudo indica, porém, que a este nível não pertence esta face, mas sim o arranjo posterior, em aparelho poligonal, que hoje se encontra bastante destruído.

O espólio cerâmico deste estrato, na sua maioria feito à roda, é muitas vezes acabado à mão, e em alguns casos bastante irregular. As superfícies estão bem alisadas ou polidas, algumas vezes decoradas com motivos incisos, apresentando também asas elaboradas como sejam as trilobadas e as pegas em múltiplas escócias sobre molduras salientes. Relativamente às formas, na amostragem obtida nesta pequena vala, vemos que os grandes vasos têm tendência a diminuir em favor dos médios, sobretudo perfis em S, cuja função, talvez polivalente, se nos torna mais difícil distinguir.

- (03) — Púcaro, feito à mão, pasta arenosa micácea negra, superfícies alisadas e com fuligem. Colo envasado terminado em arco virado para o exterior, afilando para o lábio (Est. VI, 1);
- púcaro feito à roda com imperfeições, pasta castanha fina, superfícies alisadas. Arranque de pança arredondado, colo alto vertical arqueado e bordo inclinado para o exterior com lábio facetado (Est. VI, 2);
 - púcaro (?), pasta castanha escura fina, superfícies bem alisadas. Colo quase vertical com bordo virado para fora boleado, de onde arranca uma asa de secção pentagonal que vai para os ombros (Est. VI, 3);
 - púcaro, feito à roda, superfície exterior negra e interior castanha, ambas polidas. Colo arqueado e lábio boleado. Fundo plano e parede oblíqua (Est. VI, 4, 5);
 - asa, pasta castanha polida, trilobada com o toro central mais alto (Est. XII, 6);
 - asa em escócia sobre toro, muito fragmentado (Est. XII, 7);
 - fragmento de pança de vaso médio, superfícies alisadas, decorado sobre os ombros por cinco

- faixas limitadas por sulcos largos e pouco fundos. A segunda e a quarta têm incisões arredondadas oblíquas fundas (Est. XII, 8);
- vaso médio feito à roda, pasta castanha fina, com decoração sobre os ombros de cinco faixas limitadas por sulcos, sendo a média decorada por incisões fundas oblíquas (Est. XII, 9);
 - fragmento pequeno com decoração sobre os ombros de toro seguido de triângulos de vértices opostos, lados justapostos, cheios por incisões fundas paralelas a lados opostos (Est. XII, 10);
 - fragmento pequeno decorado por faixa lisa entre sulcos seguida de zona de triângulos de vértice oposto, com incisões internas, e deixando entre si corredor liso (Est. XII, 11);

O estrato (04) (Est. III) de terra castanha com grandes blocos, restos de pedra e pouco espólio, parece um nível essencialmente de construção. Nele se levantaram os alicerces da casa redonda feitos com grandes blocos e se reformou a muralha dando-lhe novas faces, sendo sobretudo de levantar a externa, que buscando assento na rocha se levantou desde mais fundo que a anterior, fazendo em alguns locais uma sapata saliente sobre a qual se ergue a parede, encostada à pré-existente, mostrando um cuidado aparelho poligonal (Est. XI, 2).

O pouco espólio aparecido tanto tem aspectos arcaicos como parece já feito ao torno, talvez lento, dada a irregularidade de faces e arestas. A decoração incisa é pobre e pouco definidora. Foi também recolhido um cossoiro de cerâmica.

- (04) — Cossoiro hemisférico irregular com concavidade na parte superior e furo central (Est. VI, 6; XII, 12);
- bordo de talha feito a torno (lento?) pasta castanha clara com mica à superfície. Colo arqueado seguido de bordo arqueado para o exterior, com ressalto interno e lábio boleado (Est. VI, 7);

- fragmento de bojo com cordão baixo e incisões fundas oblíquas, coberto de fuligem (Est. XII, 13);
- pequeno fragmento de bojo com incisões oblíquas (Est. XII, 14).

A muralha mais antiga foi documentada nesta vala à altura do estrato (05), de terra castanha escura em que aparecem enormes blocos e um alinhamento que pensamos ser a face interna, pousada sobre o penedo. Depois, o resto do quadrado E5, era um imenso imbricado de pedra até chegarmos à face esterna, também assente sobre o penedo.

Abaixo deste estrato, o (06) é uma terra negra estéril que preenche todos os vãos entre penedos.

A construção desta primeira muralha, que está longe de ter a perfeição do aparelho poligonal, é feita com pedra pequena e por vezes grandes blocos, deixando juntas por preencher, sem utilizar barro ou saibro como elemento de ligação. Os alicerces, que deviam estar cobertos, são pouco cuidados.

O espólio destes níveis mais fundos, que não parecem, neste local, de habitação mas sim de enchimento, mostra algumas disparidades. O aspecto geral é antigo, com pastas mais finas em que a mica não é trazida à superfície, e preferência pelas formas de colo vertical quase sem bordo. Todo o material é feito à mão.

- (05) — Vaso feito à mão, lascado. Colo vertical com lábio, pasta negra, superfície bem espatulada (Est. VII, 1);
- vaso com asa arrancada do bordo. Pasta com alguma mica miúda, castanho-alaranjada, superfícies alisadas. Asa de secção arredondada, saindo do bordo (Est. VII, 2);
- vaso de colo arqueado para o exterior e lábio boleado, de fabrico idêntico ao anterior (Est. VII, 3).

Para concluir, tentaremos aproximar as sugestões fornecidas por esta pequena sondagem aos trabalhos

anteriores. Temos que excluir as campanhas de Martins Sarmiento, difíceis de localizar e cujo espólio se encontra misturado. Depois deste pioneiro, muitos voltaram a referir Sabroso, ponto obrigatório em todas as sínteses, repetindo dados que Mário Cardozo sistematizou (1). O castro não fora romanizado, estaria defendido por fortes muralhas em talude reforçadas por um pano em aparelho poligonal e que num último momento o recinto fora alargado para sul. As casas conhecidas eram maioritariamente circulares, de pedra, com elementos decorados e um espólio rico mas local.

Mais perto de nós, Hawkes, ao querer ordenar a Idade do Ferro do Noroeste, abriu várias sondagens em Sabroso, de que apresentou curto relatório (2). Da estratigrafia, visível nas fotografias publicadas (3), não conhecemos leitura e interpretação, limitando-se a separar duas ocupações. Noutra trabalho (4) clarificou as suas opiniões dividindo a ocupação de Sabroso em três fases. A primeira, com cerâmica manual pouco decorada e muralhas de perímetro reduzido com porta para N, datando do fim do século III, e II a. C.; uma segunda fase, com a muralha reforçada pela face poligonal e porta a SW posterior à campanha de Brutus. O alargamento do castro para S, tendo aí nova entrada, corresponderá a um período de acalmia militar entre 90-30 a. C.

As informações por nós obtidas parecem idênticas às de Hawkes. Terá havido uma ocupação do castro correspondente a uma época de cerâmica manual não sabemos com que estruturas de habitação (5), cujos

(1) Mário Cardozo, *Citânia...*, cit.

(2) Missão inglesa..., cit.

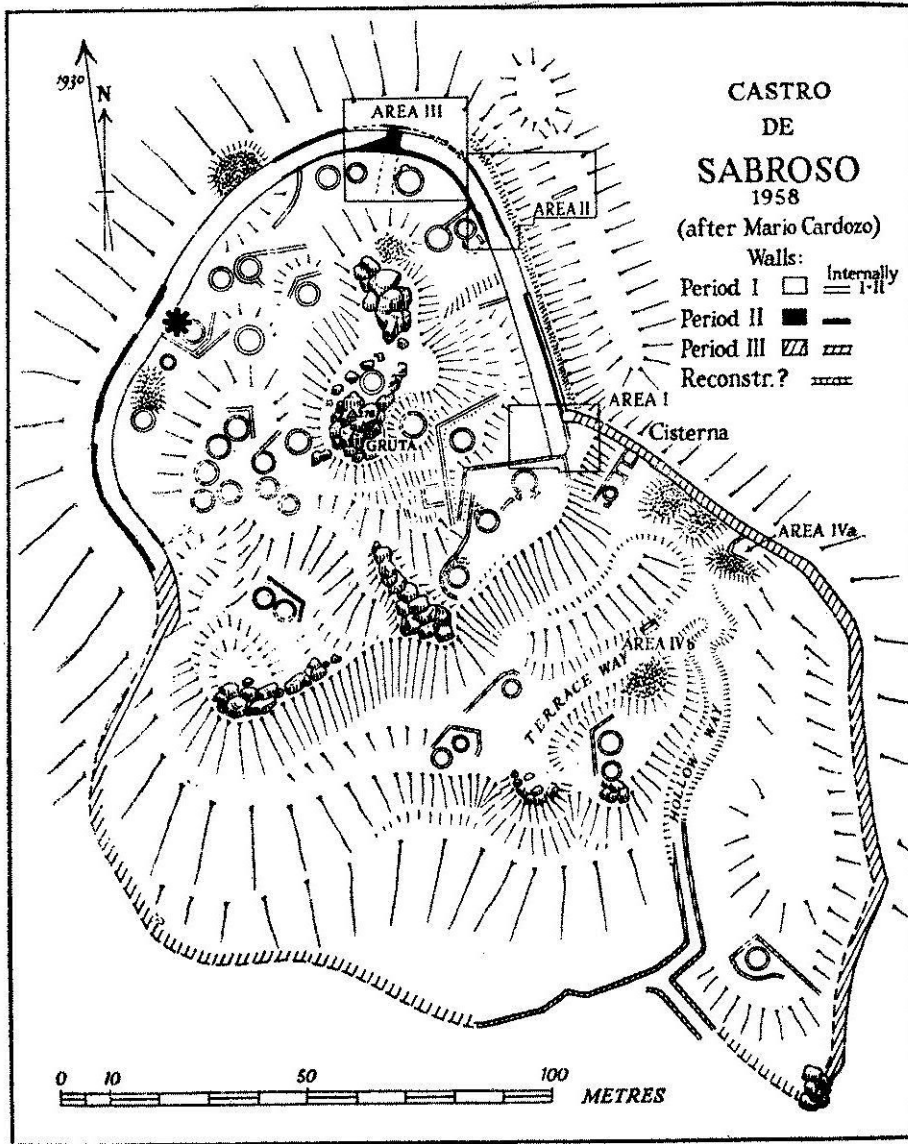
(3) Idem, est. III, 1.

(4) C. F. C. Hawkes, *North-western castros...*, cit. e est. III e IV.

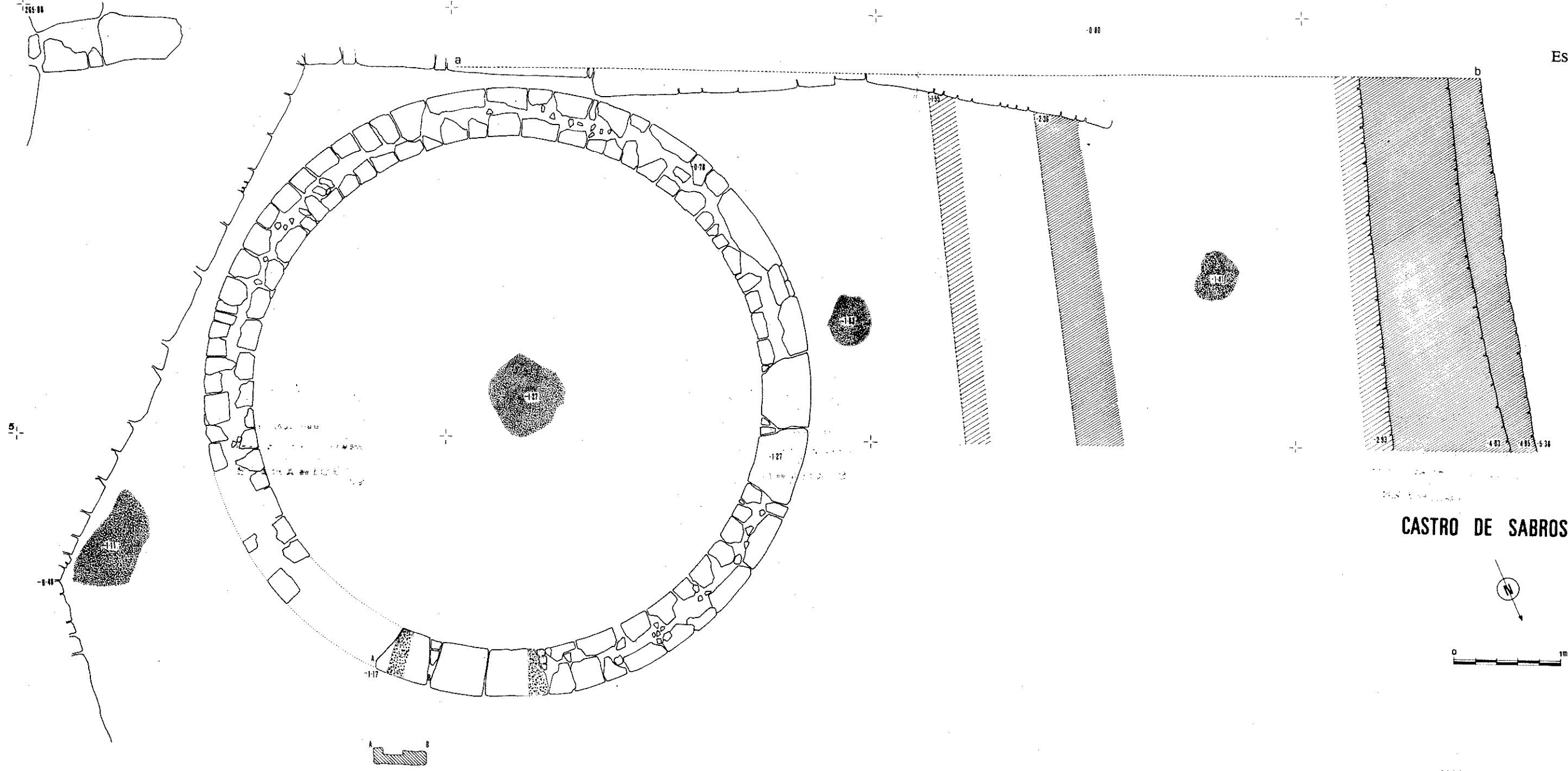
(5) Cuevillas, através de notícias de Alves Pereira põe a hipótese de ter havido em Sabroso construções de materiais perecíveis recamados a barro dos quais restavam pedaços com negativos. Não temos é a certeza de que esses restos sejam de habitações e, mesmo sendo, representem modos de construir mais antigos (Florentino Lopez Cuevillas y Joaquín Lorenzo Fernandez, *Las habitaciones de los castros, Cuadernos de Estudios Gallegos*, II, Santiago de Compostela, 1946-47, p. 8).

materiais se encontram nos estratos mais fundos, utilizados para encher o alicerce da primeira muralha reconhecida. Depois, uma segunda fase de construção com casas circulares de pedra e a face exterior da muralha, ambas, nesta vala, com aparelho poligonal. A cerâmica é feita a torno e nos níveis mais altos existe ânfora. Da relação destes últimos fragmentos com a terceira fase de Hawkes, nada averiguámos.

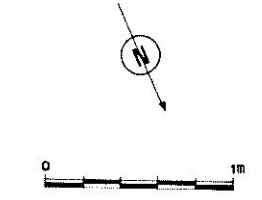
Tentar a partir destes dados propor datações é-nos difícil. Sabemos que o critério da ausência de «romanização» nos poderá dar um limite final para a vida intensa no castro. Por experiência de outros povoados, diremos que a romanização, pese toda a variação própria de um processo de aculturação, se intensifica em pleno século I a. C. e só por meados desse século vemos o material romano ganhar certa expressão. Portanto, Sabroso pode ter tido vida plena durante o século I a. C. e mesmo depois da mudança de era sem ser romanizado, sendo talvez esta época a da sua maior extensão, em paralelo com tantos outros povoados do NW. Propostas de datação para o início desta e das outras fases são-nos hoje impossíveis.



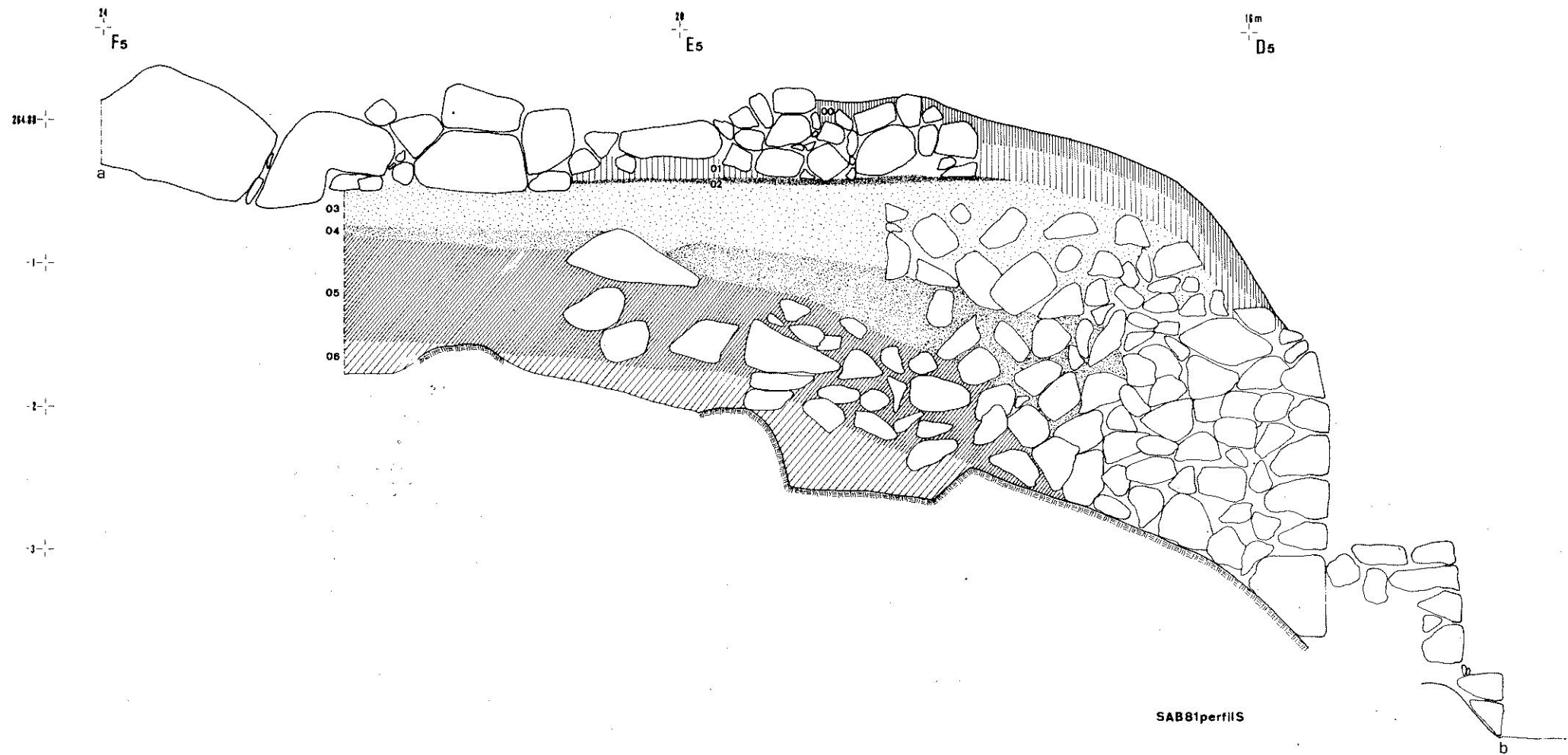
Planta do Castro de Sabroso (C. F. C. Hawkes, 1971): vala de sondagem (*)

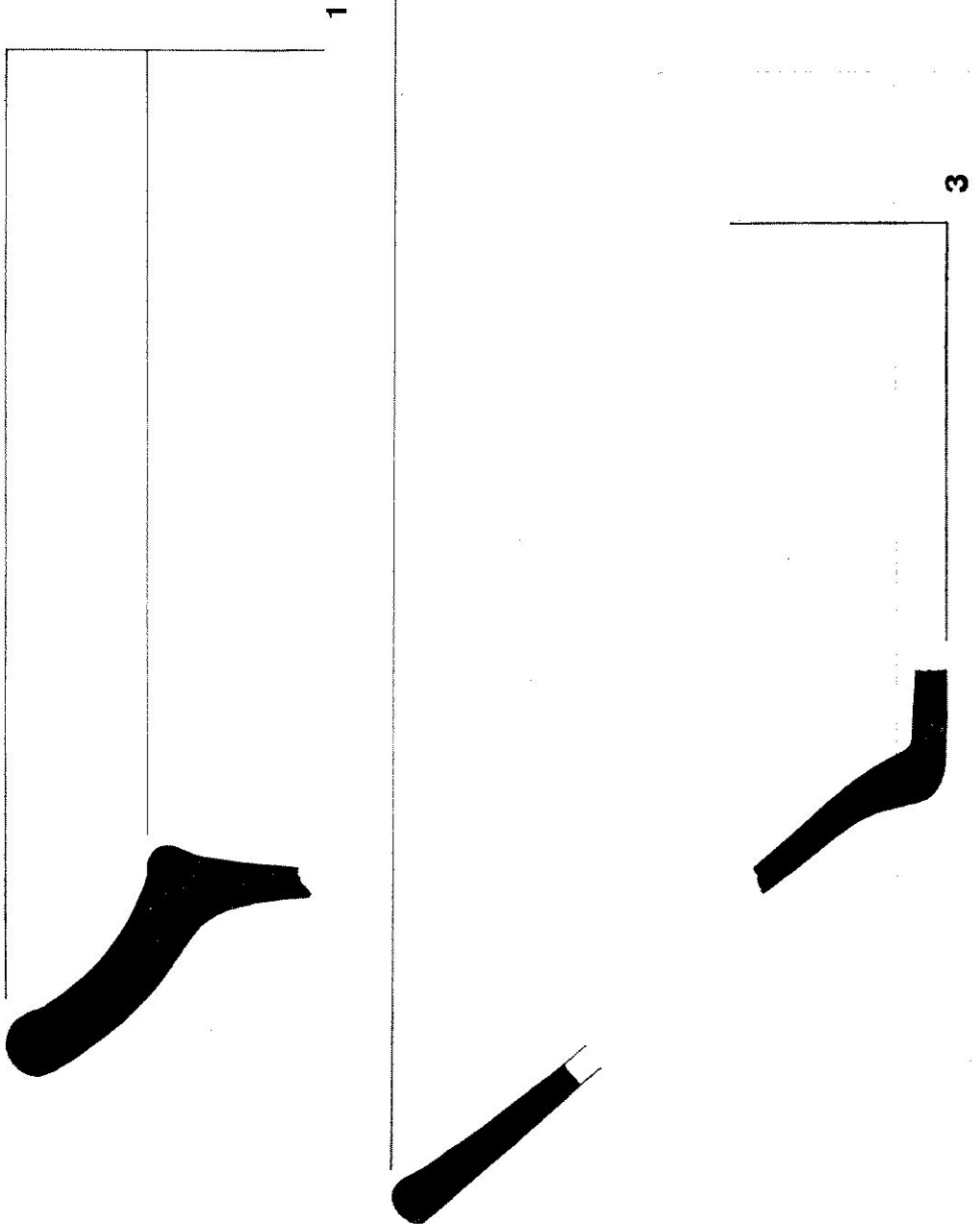


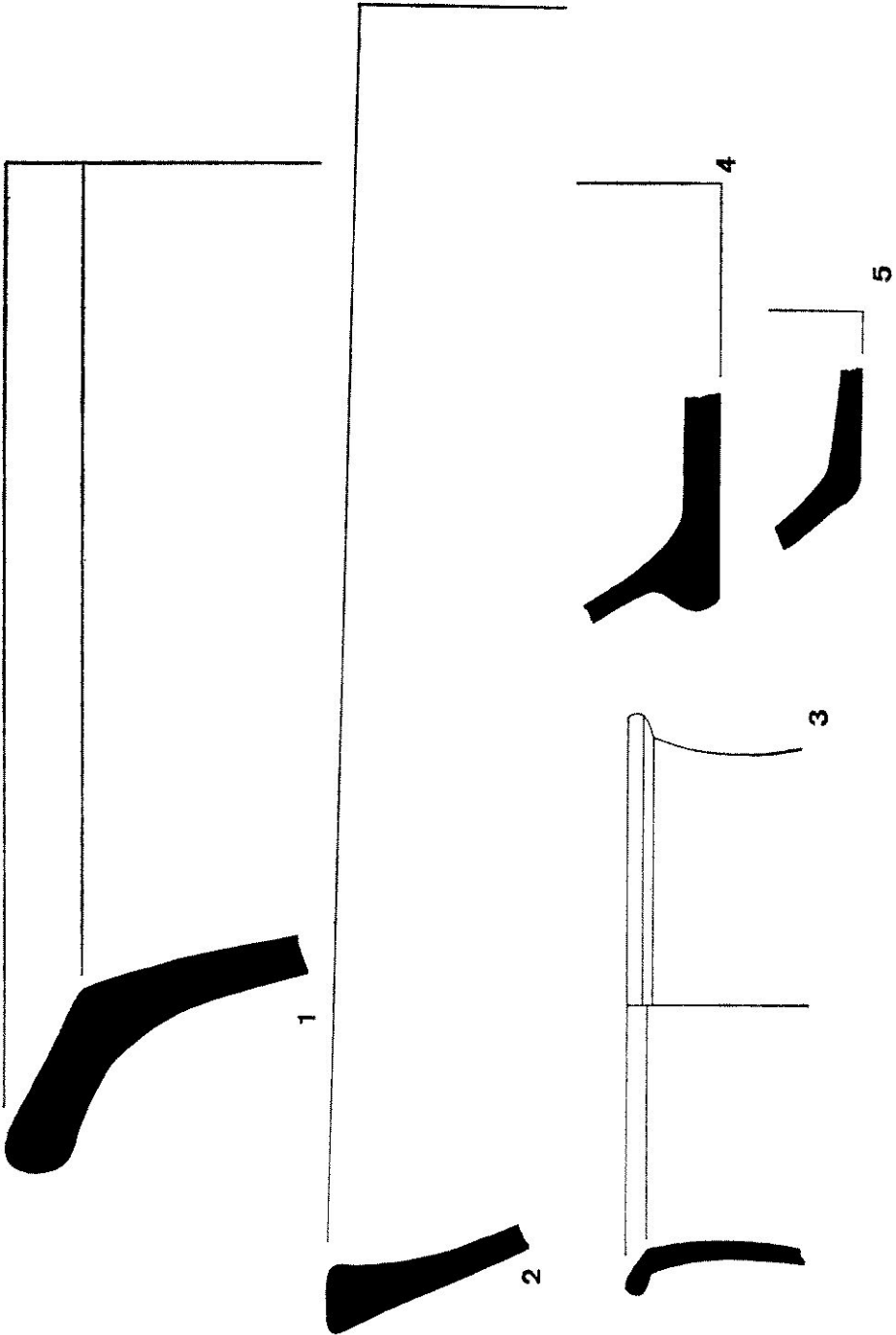
CASTRO DE SABROSO 1981

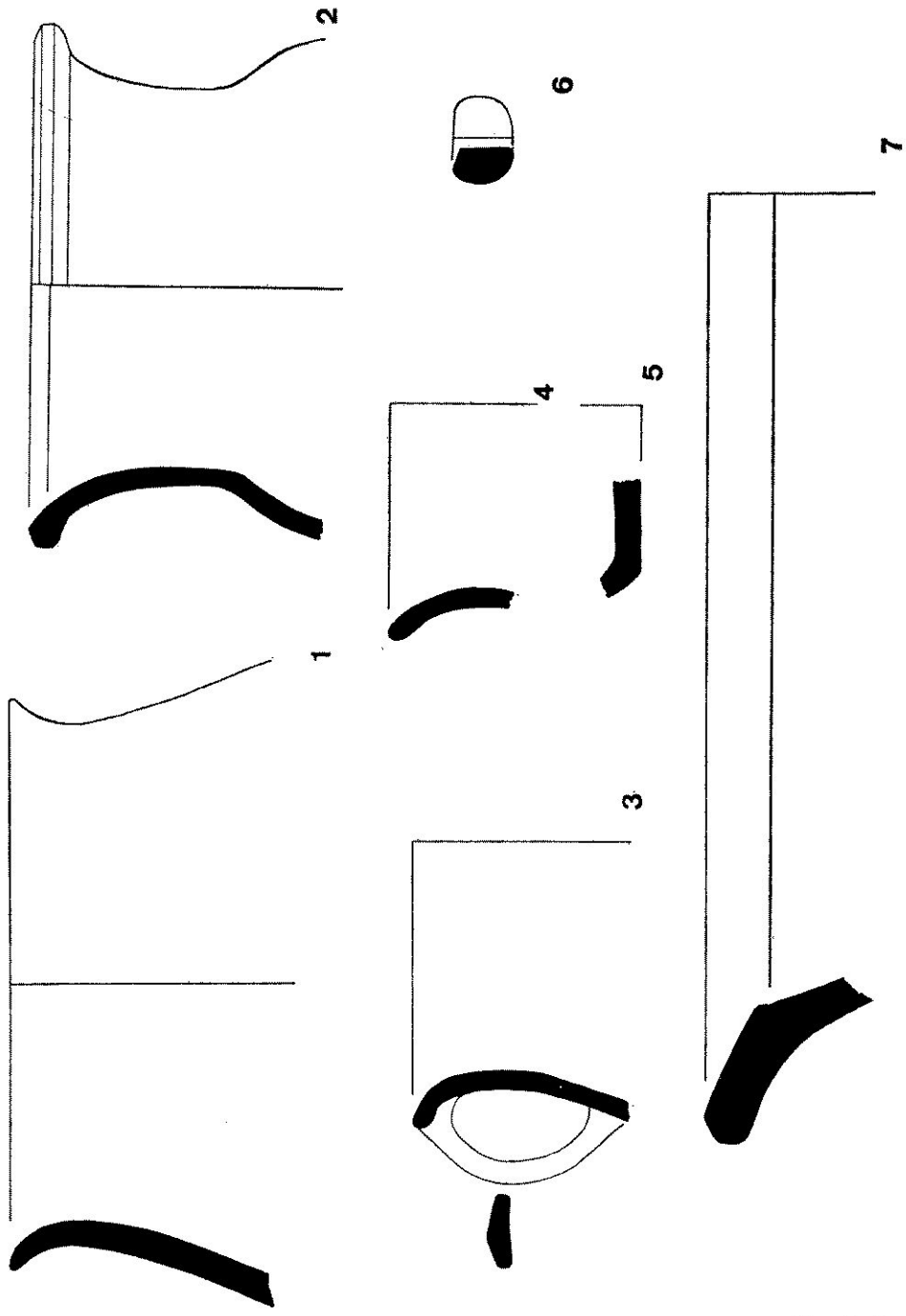


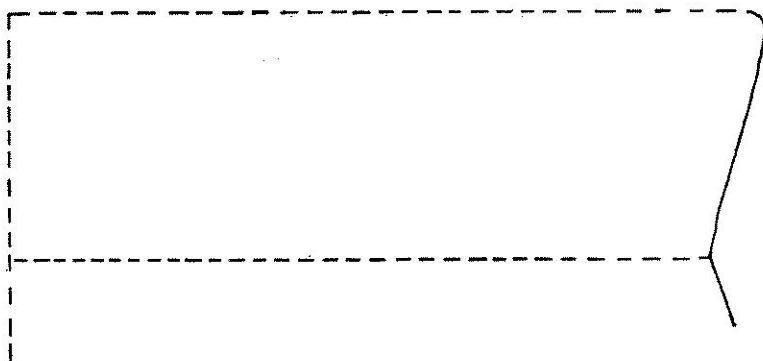
- MURALHA 1
- MURALHA 2
- LAREIRA



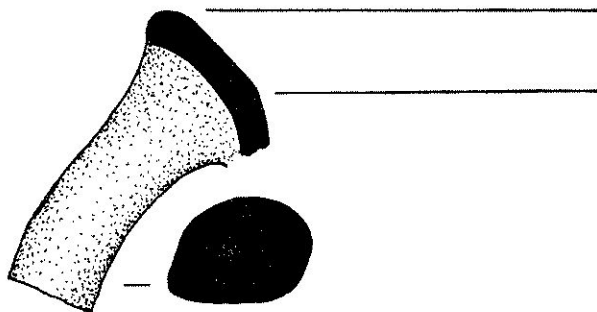




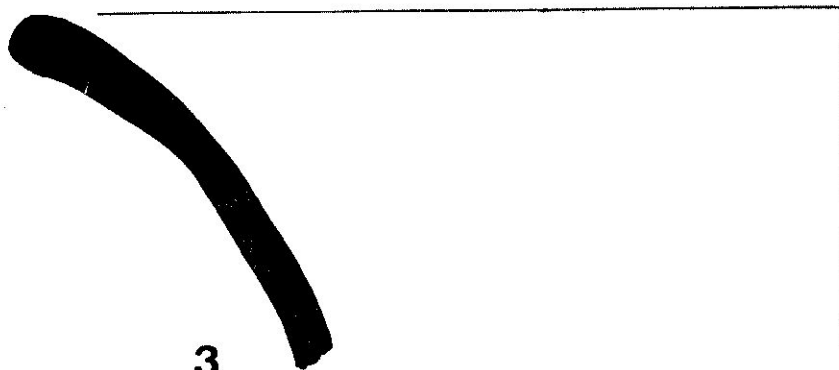




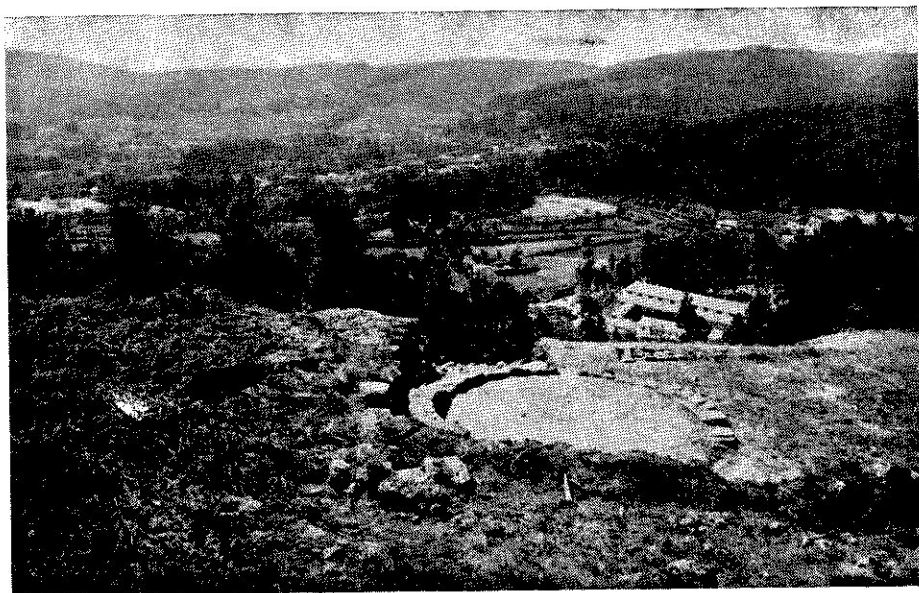
1



2



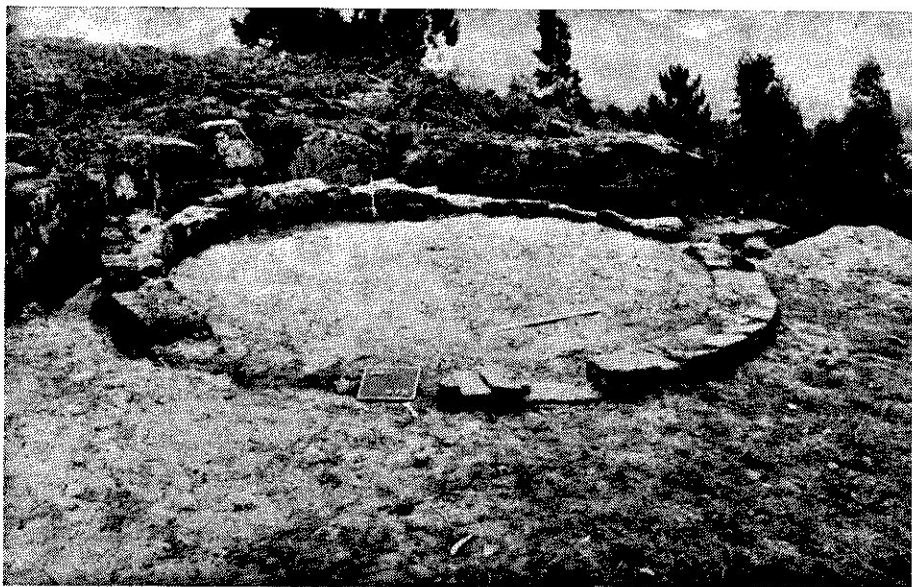
3



1



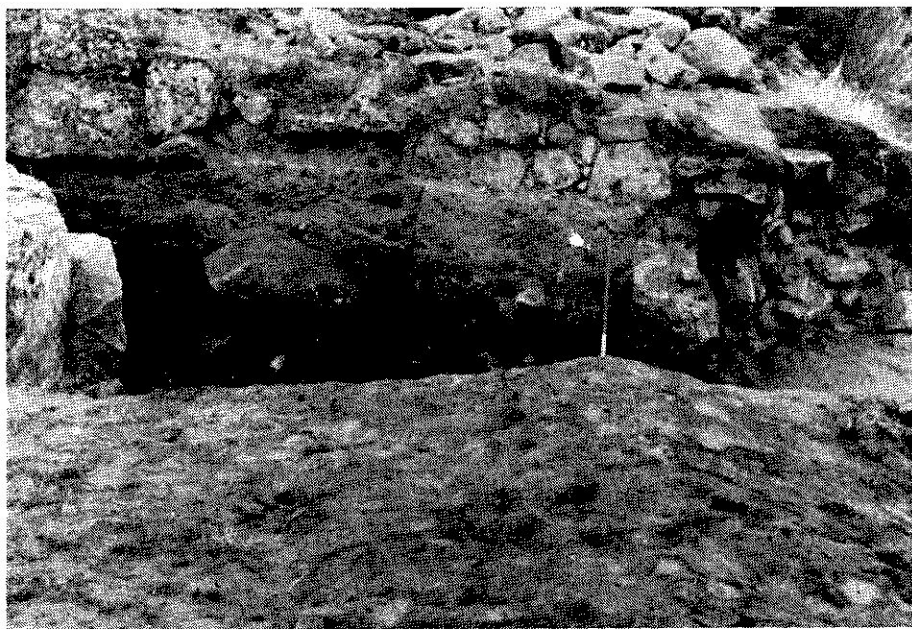
2



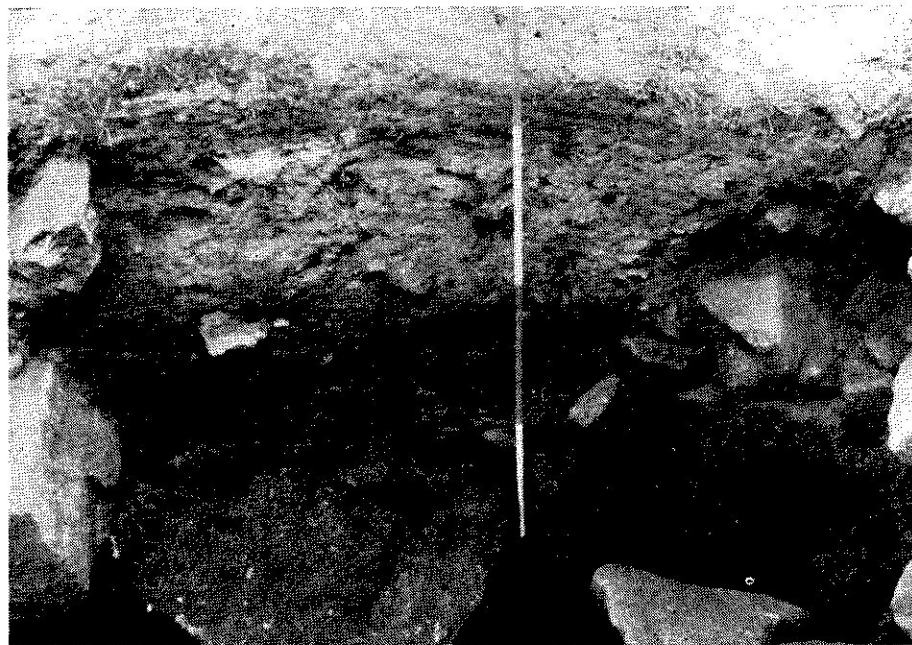
1



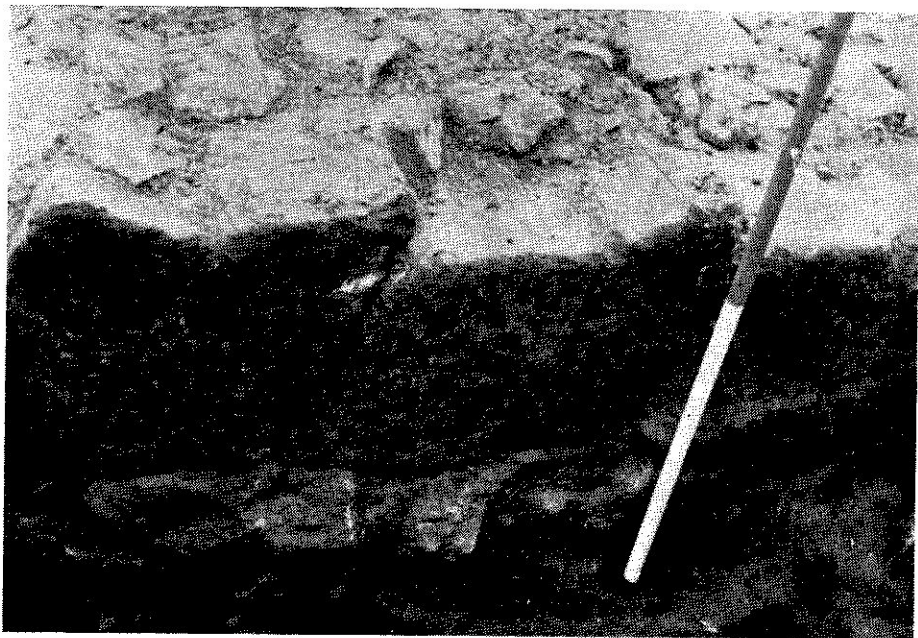
2



1



2



1



2

